

Versão Online ISBN 978-85-8015-094-0
Cadernos PDE

VOLUME II

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Produções Didático-Pedagógicas

2016

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO – SEED
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL
TURMA PDE 2016

PRODUÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

O CETICISMO COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

CURITIBA/PR
2016

PEDRO PAULO VOLPE

O CETICISMO COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

Produção Didático-Pedagógica apresentada como requisito do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), realizado pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná, sob orientação da Professora Doutora Verônica Calazans do departamento de Filosofia, da Universidade Tecnológica do Paraná, Campus Curitiba.

CURITIBA/PR
2016

SÚMARIO

Ficha para identificação da Produção Didático-Pedagógica – Turma 2016

Apresentação geral

Unidade I – Sexto Empírico:

I - Apresentação do Filósofo

I.I - O Cético Pirrônico

II - Textos Filosóficos e Comentários

III - Problemas Céticos no Interior dos Textos

IV - Atividades de Aprendizagem

V - Referências Bibliográficas

Unidade II – Descartes:

I - Apresentação do Filósofo

II - Textos Filosóficos e Comentários

III - Problemas Céticos no Interior dos Textos

IV - Atividades de Aprendizagem

V - Referências Bibliográficas

Orientações metodológicas

Referências Bibliográficas

Ficha para identificação da Produção Didático-Pedagógica – Turma 2016

Título: O Ceticismo Como Estratégia Didática Para o Ensino De Filosofia	
Autor:	Pedro Paulo Volpe
Disciplina/Área:	Filosofia
Escola de Implementação do Projeto:	Colégio Estadual Ivan Ferreira do Amaral Filho
Município da escola:	Campina Grande do Sul
Núcleo Regional de Educação:	Área Metropolitana Norte
Professora Orientadora:	Dr ^a : Verônica Calazans
Instituição de Ensino Superior:	UTFPR
Relação Interdisciplinar:	-----
Resumo:	Apresentamos uma alternativa didática para o ensino/aprendizagem em filosofia, no âmbito da teoria do conhecimento, amparada em textos céticos de Sexto Empírico e Descartes. Expomos brevemente um panorama geral dos filósofos e apresentamos excertos de textos com caráter dubitativo. Ademais, debatemos problemas autenticamente filosóficos e elaboramos um conjunto de atividades com foco na compreensão do texto filosófico. O pressuposto geral adotado é que só se ensina filosofia a partir do texto filosófico e este deve ser selecionado cuidadosamente para despertar o interesse do aluno.
Palavras-chave:	Ceticismo; Descartes; Filosofia; Sexto Empírico; Didática.
Formato do Material Didático:	Caderno Pedagógico
Público:	3º ano do Ensino Médio

APRESENTAÇÃO GERAL

Em nossa especificidade escolar¹, é perceptível a dificuldade para expandir o pensar filosófico. Os alunos do ensino médio têm, em geral², uma compreensão de mundo minimizada, por exemplo: frequentemente, não conseguem perceber a importância da educação para o futuro de suas vidas; não conseguem dialogicamente estabelecer elaboradas relações causais; não conseguem suspeitar de discursos elaborados para fins ideológicos; não conseguem ter um domínio razoável da língua portuguesa; etc. Enfim, em um primeiro momento, é pouco eficaz querer que o educando questione verdades preestabelecidas. Existe uma disposição em aceitar passivamente verdades já proclamadas pela tradição. Não se questiona, simplesmente se absorve o exposto como sendo algo incontestável.

Entendemos que o aprimoramento da capacidade crítica, no âmbito escolar, passa primeiramente por um processo de rompimento com crenças arraigadas, ou seja, ninguém desenvolve uma habilidade crítica sem primeiro ter feito uma crítica das suas próprias convicções e isso pode ser feito na seara da própria filosofia. O ensino de filosofia pode propiciar o estranhamento para com o vivido e, conseqüentemente, alavancar a problematização, a investigação e a conceituação³. A mobilização para o pensar filosófico deve brotar da própria filosofia, até para evitar a vulgarização da disciplina e, conseqüentemente, perder a fertilidade histórica de sua terminologia. Portanto, o ensino de filosofia deve primordialmente elaborar um discurso filosófico que leve o aluno a admirar-se e a espantar-se com o mundo, ou seja, um dos caminhos possíveis é o de retomar o estilo grego de filosofar.

Nossa proposta para amenizar o senso comum, aprimorar a capacidade crítica e suscitar no aluno o interesse pela reflexão filosófica passa pela apresentação da filosofia cética. O ceticismo é um modo de filosofar que insiste na arte de duvidar, por perceber uma série de contradições nas opiniões corriqueiras e, também, nas filosofias dogmáticas. Os céticos, ao longo da história da filosofia, elaboraram uma série de argumentos que nos levam a questionar a realidade apresentada e nos obrigam a deixar nosso lugar comum para encontrar alternativas

¹ Trata-se do Colégio Estadual Ivan Ferreira Do Amaral Filho, localizado no município de Campina Grande do Sul – Paraná, região metropolitana de Curitiba. O colégio está inserido no Bairro Jardim Paulista. É um bairro de residentes que, na sua grande maioria, são trabalhadores assalariados da capital, Curitiba. De forma geral, os estudantes têm pouco poder aquisitivo e acesso restrito a bens culturais elevados.

² Ressalto, enfaticamente: estamos falando de modo geral - do ponto de vista da grande massa. Temos plena consciência da existência de estudantes capazes de fugir do padrão. Todavia, nossa preocupação é com a regra geral e não com a especificidade.

³ Estamos aqui em consonância com as Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná que apregoa em seu âmago o desenvolvimento do seguinte encaminhamento metodológico: mobilização para o conhecimento, problematização, investigação e conceituação (PARANÁ, 2008, p. 59/60).

dialógicas. Um filósofo sério, e até um homem comum, não fica imune às razões para se duvidar, apresentadas pelos cétricos, e se vê obrigado a atualizar sua perspectiva racional.

O modo cético de filosofar será explorado a partir dos seguintes filósofos e das respectivas obras: Sexto Empírico – *Hipotiposes Pirrônicas* e Descartes – *Meditações*.

Sexto Empírico desenvolveu através das *Hipotiposes Pirrônicas* uma explicação da filosofia de Pirro que delimita as bases do próprio pensamento cético, ou seja, ao estudar Sexto Empírico estaremos apresentando razões para se duvidar e, também, fundamentando o próprio ceticismo.

Descartes é um pensador que desenvolveu uma filosofia dogmática, julgou ter estabelecido algo de certo e seguro no mundo. Mas, ciente da problemática cética, procura enfrentá-la em seu próprio terreno dubitativo. Enfim, em Descartes encontramos bons argumentos cétricos e, também, razões para não aceitar o ceticismo.

Dessa forma, acreditamos que esses filósofos possuem elementos em suas filosofias que se inter-relacionam e proporcionam conceitos desejáveis para a etapa de mobilização ao conhecimento, ou seja, existem entre esses pensadores pontos comuns e desarmônicos que enriquecem o debate de ideias. Ademais, a opção por estes autores se justifica pelo fim didático de nosso trabalho. Outros pensadores da história do ceticismo poderiam fornecer o material dubitativo que desejamos, mas a clareza didática dos seus textos e a preponderância histórica desses pensadores são razões, nos parece, suficientes para excluirmos, por ora, outras opções.

Em tempo, enfatizamos que não nos parece possível atribuir à filosofia cética uma exclusividade didática para a mobilização à compreensão de um problema filosófico. Alternativas didáticas, baseadas em diferentes correntes filosóficas, podem, também, propiciar a mobilização inicial⁴. Entendemos que a questão fundamental para o sucesso pedagógico, de uma didática para a filosofia, é provocar uma “desestabilização intelectual”, com relação a crenças preestabelecidas, e apontar outras vias para o desenvolvimento da razão.

Diante do exposto, o desenvolvimento do caderno pedagógico se dará da seguinte forma: I- apresentação geral do filósofo; II- apresentação de excertos de

⁴ Uma didática inspirada na maiêutica socrática ou no estilo sofista poderia, por exemplo, cumprir papel equivalente ao do ceticismo.

textos filosóficos e comentários; III- problemas céticos no interior dos textos; IV- atividades de aprendizagem; V – referências bibliográficas.

UNIDADE I – SEXTO EMPÍRICO

Encaminhamento: **1º Passo:** Disponibilizar o texto abaixo “Apresentação do filósofo” para os alunos; Realizar uma leitura estrutural; Debater e contextualizar historicamente o filósofo. **2º Passo:** Responder individualmente as questões 1 e 2 do item I - unidade IV – atividades de aprendizagem relativas a Sexto Empírico. Duração: 3 horas – incluem-se atividades de aprendizagem.

I. - Apresentação do filósofo.

Sexto Empírico é um dos últimos grandes filósofos gregos, viveu no século II d.C.. A seu respeito temos poucas informações: pertenceu à escola empírica de medicina e, provavelmente, morou em Atenas, Roma e Alexandria. As obras do filósofo que chegaram até nós foram, a saber, *Hipotiposes Pirrônicas* e *Contra os Matemáticos*⁵. As obras apresentam, de forma positiva, a tradição filosófica do ceticismo pirrônico, inspirada em Pirro de Élis⁶ e, negativamente, formulam uma série de argumentos contra as filosofias dogmáticas. Sexto era adepto do ceticismo pirrônico.

O ponto central da filosofia pirrônica, apresentada por Sexto, é mostrar que o discurso filosófico é permeado de infundáveis contradições, a ponto de ser necessária uma suspensão do juízo acerca da veracidade ou falsidade de nossas crenças. Sexto Empírico procura, ao longo de seus livros, evidenciar que os dogmáticos (aqueles que afirmam ter crenças) devem se render as razões para se duvidar, apresentadas pelos céticos, e, portanto, abandonarem seus discursos equivocados. Apresenta, também, um critério de ação - os fenômenos (aquilo que aparece) - que lhe permite agir e viver sem crenças filosóficas.

Na história da filosofia, o pensamento cético pirrônico passa praticamente ignorado durante a idade média e ressurge na França - século XVI - com a tradução de manuscritos gregos das *Hipotiposes Pirrônicas*. De acordo com Popkin, (1979, p. 25-47) a obra recém traduzida provoca uma verdadeira “crise cética” – colando em dúvida os sistemas filosóficos tradicionais. A força dos argumentos céticos foram, inclusive, utilizados pelos reformistas e contra reformistas religiosos. Os protestantes

⁵ Infelizmente, ainda, não temos traduções completas destas obras para a língua portuguesa.

⁶ Filósofo grego, nascido na cidade de Élide, fundador do ceticismo pirrônico. Não deixou nenhum inscrito. Suas ideias são apresentadas, sobretudo, por Sexto Empírico.

entendiam que o ceticismo evidenciou a inexistência de um único critério de interpretação bíblica, ao argumentarem que todo critério requer outro critério e, assim, ao infinito. Logo, outras interpretações deveriam ser aceitas. Os católicos, por sua vez, utilizavam do ceticismo para mostrar que, não existindo um critério do critério, deveria se confiar na tradição romana à interpretação correta da bíblia. Enfim, o ceticismo ressurgiu no limiar da modernidade e veremos, na próxima unidade, que sua força destrutiva só será mitigada a partir da filosofia cartesiana no século XVII.

Nesse contexto, diante da influência do ceticismo, apresentaremos o desenvolvimento das etapas do pensamento pirrônico de Sexto Empírico.

I.I. - O cético pirrônico

Encaminhamento: 1º Passo: Disponibilizar o texto abaixo “O cético pirrônico” para os alunos; Realizar uma leitura estrutural; Debater coletivamente as características do filósofo cético. 2º Passo: Responder individualmente as questões 1, 2, 3 e 4 do item I.I - unidade IV – atividades de aprendizagem relativas a Sexto Empírico. Duração: 8 horas – incluem-se atividades de aprendizagem.

Inicialmente, o cético é um indivíduo que constata a existência de uma multiplicidade de opiniões divergentes, acerca das mais variadas questões. Decorre que é tomado por uma “perturbação intelectual” e decide investigar, ou melhor, filosofar para findar as contradições e estabelecer uma tranquilidade (ataraxia). A propósito, diz Sexto Empírico:

Homens de talento, perturbados pelas contradições nas coisas e em dúvida sobre que alternativa adotar, foram levados a indagar sobre as coisas verdadeiras e sobre as falsas, esperando encontrar a tranquilidade ao resolver esta questão. (1997, p. 117)

A filosofia surge, para o cético, como um meio de sanar a “perturbação intelectual” e estabelecer uma desejada tranquilidade (ataraxia). Todavia, este mesmo homem se depara com uma seara – a filosofia – repleta de teorias conflitantes. Assim, nos relata Sexto:

Pois o cético, tendo começado a filosofar com o objetivo de decidir acerca da verdade ou falsidade das impressões sensíveis de modo a alcançar com isso a tranquilidade, encontrou-se diante da equipolência nas controvérsias, e sem decidir sobre isto, adotou a suspensão. (1997, p. 121)

O cético constata que entre as teorias filosóficas existem infundáveis opiniões conflitantes que impedem a adesão de uma verdade incontestável, pois veem que é possível “opor a cada explicação uma outra equivalente” (SEXTO, 1997, p. 117), ou seja, existem razões para se duvidar da segurança epistêmica dos mais variados discursos filosóficos. Nesse passo, sendo incapaz de superar a equivalência dos argumentos, o cético decide suspender o juízo (époche), ou seja, mantém um estado de neutralidade epistêmica acerca de qual teoria é certa ou errada. Preferiu, estando repleto de dúvidas, continuar investigando.

A persistência na busca tem como objetivo atingir a ataraxia. O cético pensava que a ataraxia surgiria no momento em que se atingisse uma verdade, porém, diante do estado conflitivo das filosofias, decide “suspender o juízo” e continuar investigando. Entretanto, quando o cético suspendeu o juízo percebeu – por acaso - que “em consequência da suspensão seguiu-se, como que fortuitamente, a tranqüilidade em relação às questões de opinião” (SEXTO, 1997, p. 121). A tranqüilidade surgiu ao não ter se comprometido com nenhuma posição contraditória.

O que o cético pretendia era afugentar a perturbação, que advinha do estado conflitivo das filosofias, e instaurar a tranqüilidade via obtenção da verdade, mas a “suspensão do juízo” revelou que a tranqüilidade advém do fato de não se debater sobre a natureza mesma das coisas. Não se supera a dúvida tomando uma decisão duvidosa. O cético percebe que as decisões precipitadas carregam consigo uma série de problemas que podem ser evitadas com a “suspensão do juízo”.

Ao suspender o juízo o cético não está afirmando que algo é ou mesmo que algo não é, ou seja, evita tomar posição, sem crenças. Mas, como agir? Minhas ações básicas ou complexas não estão amparadas em crenças? Como, por exemplo, o cético responderia se lhe perguntasse: “chove lá fora”? Uma resposta positiva ou negativa não implicaria certa crença? Enfim, como vive o cético?

A resposta à questão envolve a própria natureza do discurso filosófico que, em geral, pretende descobrir uma verdade universal. É comum a elaboração dos mais requintados sistemas filosóficos para tentar explicar a realidade. Os filósofos pretendem interpretar aquilo que aparece aos nossos sentidos, ou seja, querem decifrar o mundo dos “fenômenos” (phainómenon). Interpretar os “fenômenos” (aquilo que aparece) significa não apenas assentir aos “fenômenos”, mas decifrá-los de maneira que estaria a falar sobre a natureza mesma daquilo que

aparece aos nossos sentidos. Porém, o exame das filosofias revelou que ao falar sobre a natureza mesma das coisas acabamos sendo tomados de contradições e embaraços. Por conseguinte, o cético não falará sobre a natureza daquilo que nos aparece, pois não se vê autorizado pela força dos argumentos a tomar uma decisão e “é no interior desse “mundo dos fenômenos” que o pirrônico buscará sua orientação para agir na vida como um homem comum” (Smith, 1992, p.45). O fenômeno é uma afecção involuntária que está isenta de questionamentos, pois o mundo daquilo que aparece se impõem de forma irrecusável. Assim, o cético agirá conforme os fenômenos lhe orientam, sem realizar julgamentos sobre a natureza dos fenômenos. “O cético apenas reconhece a presença do fenômeno e o segue como um menino segue o tutor” (Smith, 1995, p.278).

Destarte, a pergunta “chove lá fora?” deverá ser respondida da seguinte forma: parece-me que sim ou parece-me que não, ou seja, conforme lhe aparecer no momento. Qualquer das respostas dadas não estará se comprometendo com a natureza do fenômeno, mas apenas relatando aquilo que lhe é irrecusável. Diante disso, o cético pirrônico diria que, nas exatas palavras de Sexto Empírico: “aderindo, portanto, ao que aparece, vivemos de acordo com as normas da vida comum, de modo não-dogmático, já que não podemos permanecer totalmente inativos” (1997, p.120). Conclui-se que a “suspensão do juízo” não traz consigo a suspensão da ação, o cético possui um critério de ação – o fenômeno - que lhe permite evitar a inação.

A atitude cética de “suspensão do juízo” poderia sugerir um abandono da filosofia. Uma atitude apática com o espírito filosófico, na medida em que poderia se supor como desnecessária a continuidade investigativa, uma vez que se atingiu a finalidade de sua prática filosófica: alcançar a tranqüilidade. Todavia, as coisas não se passam assim com o cético, pois a prática filosófica deverá continuar com o objetivo de manter a tranqüilidade, ou seja, “ele é feito cético pela sua investigação” (PORCHAT, 2006, p. 262). O que importará ao cético não será mais a obtenção da verdade, mas sim o uso dialético da razão para argumentar contrariamente aos discursos apresentados, de tal modo que os coloque em dúvida e seja levado à “suspensão do juízo” e a, conseqüente, tranqüilidade. Portanto, o cético a partir da obtenção da tranqüilidade - através da *époche* – procurará filosoficamente, de todos os *modos* possíveis, por em dúvida aquilo que lhe apresentam. Assim sendo, vamos

apresentar e analisar alguns *modos* céticos (argumentos) que nos levariam a época.

II – Textos filosóficos⁷ e comentários:

Encaminhamento: **1º Passo:** Disponibilizar os cinco argumentos céticos de Sexto Empírico; Realizar uma leitura estrutural de cada argumento; Debater coletivamente a força dos argumentos céticos. **2º Passo:** Disponibilizar os comentários acerca de cada argumento cético; Debater coletivamente a interpretação de cada argumento. **3º Passo:** Responder individualmente às questões das letras C, D, E, F e G na unidade IV – atividades de aprendizagem relativas a Sexto Empírico. É possível, também, optar por analisar um texto por vez e ir respondendo as questões pertinentes. Duração: 14 horas – incluem-se atividades de aprendizagem.

Texto 1: Do conflito de opiniões⁸.

Lembrete:

- A compreensão de um texto filosófico é indissociável da exigência de pensar por si mesmo.
- A filosofia é uma retomada de problemas, uma renovação em relação à tradição da sua forma e do seu tratamento. (Rogue, 2014, p. 66)

Ao examinarmos um determinado problema, é freqüente, tanto entre pessoas comuns, quanto entre filósofos, um insuperável *conflito de opiniões* e, por essa razão, somos impedidos de aderir a uma determinada idéia ou de rejeitá-la, sendo levados a suspender o juízo⁹. (SEXTO EMPÍRICO, 1993, p. 102)

Comentários:

Sabemos que é bastante comum a existência de opiniões divergentes acerca de qualquer tema. Quando, por exemplo, debatemos acerca de qual partido político seria mais benéfico ao cidadão, notamos defensores de partidos X, Y, W, etc. E todos, sem exceção, procuram oferecer argumentos de que sua filiação é mais preferível às outras. Se, por ventura, passássemos a debater sobre qual seria o melhor time de futebol do Brasil, teríamos mais evidente esse insuperável conflito de opiniões. O mesmo se passa em assuntos filosóficos. A busca por uma verdade inquestionável é algo tão marcante no transcurso da filosofia que a história da filosofia, por vezes, se confunde com a ideia de atingir uma verdade indubitável. Mas, observamos que de Tales até a contemporaneidade filosófica tudo é motivo para o debate. “Tudo se passa como se, de algum modo, a *epokhé*, ou suspensão

⁷ A necessidade do uso didático dos textos nos levou a realizar uma tradução livre dos excertos que seguem. Todavia, no rodapé segue o original.

⁸ Os cinco modos de argumentação que se seguirão são atribuídos a Agripa, filósofo grego, século I a.C., adepto do pirronismo. Nas *Hipotiposes* Sexto Empírico apresenta outros 10 modos que são atribuídos ao pirrônico Enesidemo, século I a.C.. Optamos por apresentar os modos de Agripa, porque sua formulação é mais abstrata, sintética e, me parece, suficiente para abarcar os dez modos de Enesidemo.

⁹ “El de <<a partir del desacuerdo>> es aquel según el cual nos damos cuenta de la insuperable divergencia de opiniones que surge en torno a la cuestión propuesta, tanto entre la gente corriente como entre los filósofos; y por ella concluimos en la suspensión del juicio al no poder elegir ni rechazar ninguna”.

cética do juízo, tivesse historicamente triunfado, mesmo se não explicitamente invocada e reconhecida” (PORCHAT, 2006, p.150). Enfim, o *modo* em análise leva em conta, de um lado, a intenção universalista de grande parte dos discursos filosóficos e, de outro, o constante conflito entre as teorias filosóficas que interdita uma conclusão definitiva. Assim sendo, segue que em assuntos correntes ou em temas filosóficos, o cético é levado a não tomar uma posição, ou seja, deve suspender o juízo.

Possibilidades didáticas:

Entendemos ser possível utilizar este fragmento de texto para abordar outras questões filosóficas e temas cotidianos para além do ceticismo pirrônico. A clareza e o aspecto crítico do texto são favoráveis à mobilização. Sugerimos utilizar o fragmento em voga para as seguintes abordagens:

Questões Filosóficas: O problema da verdade e Filosofia antiga: Diferenciação entre doxá, Episteme e aletheia.
Temas cotidianos: politicagem e radicalismo religioso.

Texto 2: Da recorrência ao infinito.

Dicas de interpretação:
- interpretar um texto é dar um sentido às passagens obscuras.
- Interpretar um texto é dar-lhe vida.
- É fazer dele um objeto de comunicação pertinente. (Rogue, 2014, p. 52)

Ao examinarmos um determinado problema, dá-se como ponto de partida para solucionar o tema uma garantia que necessita de outra garantia e esta, de outra, e esta, de outra e assim surge uma *recorrência ao infinito*, por essa razão, segue a suspensão do juízo, uma vez que não temos ponto de partida para iniciar a argumentação¹⁰. (SEXTO EMPÍRICO, 1993, p. 102-103)

Comentários:

Outro argumento cético que conduz à suspensão do juízo e a recorrência ao infinito. Esse segundo *modo* é uma ferramenta cética utilizada contra aqueles que não reconhecem a indecidibilidade oriunda do conflito de opiniões. Para não violar o princípio da não contradição (duas afirmações contraditórias não podem ser ambas verdadeiras nem ambas falsas) os dogmáticos utilizam de argumentos para justificar suas decisões, porém o cético “questionará a aceitabilidade das premissas da

¹⁰ “El de <<a partir de la recurrencia ad infinitum>> es aquel en el que decimos que lo que se presenta como garantía de la cuestión propuesta necesita de una nueva garantía; y esto, de otra; y así hasta el infinito; de forma que, como no sabemos a partir de dónde comenzar la argumentación, se sigue la suspensión del juicio.

argumentação proposta e das premissas dessas premissas, renovadamente exigindo justificação e fundamento, acenando portanto com uma regressão ao infinito” (PORCHAT, 2006, p. 153). Portanto, O cético não pressupõe o princípio da não contradição, ou seja, o princípio é violado pela epokhé.

Didaticamente: suponhamos duas pessoas de conhecimento intelectual invejável, Sr. X e Sr. Y., que ao investigar um mesmo tema extraem conclusões diferentes. De um lado, Sr. X argumenta que sua conclusão está correta, porque utilizou um critério eficiente de análise e, de outro, Sr. Y argumenta que sua resposta está correta, porque seu critério de análise é mais eficiente do que o critério utilizado pelo Sr. X. A respeito desse impasse, perguntaria o cético: qual é o critério do seu critério? Ao dar uma resposta, eles precisariam novamente responder a qual critério este novo critério está amparado e, assim, sucessivamente. Tal exemplo revela que todo critério de conhecimento exige, necessariamente, outro critério para ser validado e isso se segue ao infinito, a ponto de concluir que é impossível saber quem de fato possui um bom critério para decidir acerca do tema investigado e, portanto, somos levados à epokhé.

Possibilidades didáticas:

Entendemos ser possível utilizar este fragmento de texto para abordar outras questões filosóficas e temas cotidianos para além do ceticismo pirrônico. A clareza e o aspecto crítico do texto são favoráveis à mobilização. Sugerimos utilizar o fragmento em voga para as seguintes abordagens:

Questões Filosóficas: Filosofia do método e diferenciação entre filosofia e senso comum.
Temas cotidianos: Argumentação e retórica

Texto 3: Da relatividade.

Dicas de leitura:
- Deve-se dar ao texto uma profundidade crítica.
- É filosoficamente que se explica um texto filosófico. (Rogue, 2014, p. 28)

O modo de suspensão do juízo derivado *da relatividade*, como dito anteriormente, mostra que o objeto aparece de uma forma relativa ao individuo que julga e às circunstâncias de sua percepção, dessa forma, mantemo-nos em suspensão acerca de sua natureza real¹¹. (SEXTO EMPÍRICO, 1993, p. 103)

¹¹ “El de <<a partir del con relación a algo>> es – según hemos dicho – el de que el objeto aparece de tal o cual forma, según el que juzga y según lo que acompaña su observación, y que nosotros mantenemos en suspenso el cómo es por naturaleza.”

Comentários:

Aos dogmáticos que não estão convencidos, pelo primeiro e segundo *modo*, e insistem na argumentação para justificar suas decisões, é apresentado um terceiro *modo* que deve conduzi-los à epokhé.

Ao falar sobre a natureza das coisas devemos levar em conta o caráter relativo do conhecimento, ou seja, ao que parece nada é apreendido fora de determinadas circunstâncias. Nosso julgamento é afetado por costumes, hábitos e, até mesmo, por estados particulares de nossa fisiologia que impedem, por sua vez, a correspondência objetiva entre sujeito e objeto. Didaticamente: Não temos como adentrar na mente do outro observador! Não sabemos se nossa forma de ver, pensar e sentir é a mesma de outrem, assim sendo, tudo parece relativo e devemos suspender nosso juízo. Ao ler este *modo* é preciso evitar a conclusão de que para o cético tudo é relativo, pois tal afirmação seria autocontraditória, ou seja, ela mesma seria relativa e se autoaniquilaria. O que ocorre é o seguinte: a investigação extensa e acurada conduz o cético à constatação e aceitação involuntária de que as coisas lhe aparecem como relativas e, portanto, devemos ser levados a suspensão do juízo.

Possibilidades didáticas:

Entendemos ser possível utilizar este fragmento de texto para abordar outras questões filosóficas e temas cotidianos para além do ceticismo pirrônico. A clareza e o aspecto crítico do texto são favoráveis à mobilização. Sugerimos utilizar o fragmento em voga para as seguintes abordagens:

Questões Filosóficas: Empirismo e Racionalismo.

Temas cotidianos: ilusão e crença

Texto 4: Da hipótese.

Dicas de leitura:

- Leia o texto uma primeira vez de maneira despretensiosa.
- Leia o texto uma segunda vez pensando no tema filosófico.
- Leia o texto uma terceira vez pensando na tese desenvolvida.
- Leia o texto uma quarta vez pensando no problema levantado pelo autor. (Rogue, 2014, p. 24)

Os filósofos dogmáticos ao caírem no modo da *recorrência ao infinito* estabelecem, *por hipótese*, um ponto de partida que não justificam através da argumentação - sem

demonstração - por essa razão, somos levados a suspender o juízo¹². (SEXTO EMPÍRICO, 1993, p. 103)

Comentários:

O quarto argumento cético se articula com o segundo argumento. Para escapar da necessidade de justificar indefinidamente suas premissas, em razão do *modo* cético da recorrência ao infinito, os filósofos dogmáticos instituem princípios que não demandam provas, ou seja, estabelecem hipóteses.

Contra-argumentando, porém, o cético lhes replicará que, se merece fé como verdade um enunciado que se assume sem demonstração, não é menos plausível nem merece menos fé o enunciado que o contradita, mesmo que também não se demonstre nem fundamente, bastando que algum filósofo o proponha também e assuma como “um princípio”. (PORCHAT, 2006, p. 153)

No final das contas o cético está dizendo que a ausência de fundamento vai contaminar toda a cadeia de raciocínio e, sobretudo, os resultados; e, mais, as hipóteses já são objetos de conflitos de opiniões (primeiro modo) e, portanto, deveríamos de antemão suspender o juízo. Em outras palavras, o cético está a dizer para o dogmático: se é válido o uso de hipóteses, sem demonstração, a filosofia será comparada a uma fábula.

Possibilidades didáticas:

Entendemos ser possível utilizar este fragmento de texto para abordar outras questões filosóficas e temas cotidianos para além do ceticismo pirrônico. A clareza e o aspecto crítico do texto são favoráveis à mobilização. Sugerimos utilizar o fragmento em voga para as seguintes abordagens:

Questões Filosóficas: Sofistas e Sócrates.

Temas cotidianos: fé, razão, crença

Texto 5: Do círculo vicioso.

Dicas de interpretação:

- É preciso abster-se de fazer juízo de valor sobre o texto. (Rogue, 2014, p. 34)

O modo de suspensão do juízo derivado do *círculo vicioso* ocorre quando o que deve ser demonstrado, dentro do tema que se está investigando, tem necessidade de uma garantia derivada do que se está estudando. Nesse caso, não podendo

¹² “El del <<por hipótesis>> se da cuando, al caer en una recurrencia *ad infinitum*, los dogmáticos parten de algo que no justifican, sino que directamente y sin demostración creen oportuno tomarlo por convenio.”

tomar nenhuma das coisas como base da outra, mantemos a suspensão sobre ambas¹³. (SEXTO EMPÍRICO, 1993, p. 103)

Comentários:

Este modo procura chamar atenção para a estratégia dogmática de uma argumentação dissimulada, onde se estabelece na origem do discurso um conteúdo que só será confirmado no final do discurso, ou melhor, incorrem em circularidade ao quererem sustentar a explicação pelo que é explicado.

Vejam um exemplo de raciocínio circular: investiga-se a existência de Deus e, para tanto, se parte da ideia de que nenhum ser humano é capaz de criar as maravilhas do universo, logo se supõe que Deus existe, porque temos maravilhas no universo que são impossíveis de serem criadas por humanos. Todavia, o que garante as maravilhas do universo é a existência de Deus, ou seja, o conteúdo invocado a favor da prova depende da própria prova.

Outro exemplo de argumentação circular poderá ser visto no item III da próxima unidade (problemas céticos no interior dos textos), quando Descartes utiliza desse recurso para validar o conceito de clareza e distinção como critério de verdade.

Em resumo, esses cinco *modos* ou argumentos céticos compõem uma estratégia cética de tentar convencer os dogmáticos a reconhecerem a precariedade da razão e serem levados à *epokhé*.

Possibilidades didáticas:

Entendemos ser possível utilizar este fragmento de texto para abordar outras questões filosóficas e temas cotidianos para além do ceticismo pirrônico. A clareza e o aspecto crítico do texto são favoráveis à mobilização. Sugerimos utilizar o fragmento em voga para as seguintes abordagens:

Questões Filosóficas: Lógica e Fundamentos da política.
Temas cotidianos: Dogmatismo e relativismo

III – Problemas céticos no interior dos textos:

Encaminhamento: **1º Passo:** Disponibilizar o texto abaixo “Problemas céticos no interior dos textos”; Realizar uma leitura estrutural; Debater coletivamente o conteúdo do texto; **2º Passo:** Responder em dupla às questões de 1 a 5 do item III – letra H

¹³ “El tropo del círculo vicioso ocurre cuando lo que debe ser demostrado, dentro del tema que se está investigando, tiene necesidad de una garantía derivada de lo que se está estudiando. En ese caso, no pudiendo tomar ninguna de las dos cosas como base de la otra, mantenemos en suspenso el juicio sobre ambas.”

As críticas ao pensamento cético pirrônico atravessam a história da filosofia e, de uma forma geral, possuem duas perspectivas: a primeira é refutar o ceticismo demonstrando que existe, pelo menos, uma verdade incontroversa e, a segunda, é denunciar as condições de possibilidade prática e discursiva.

A primeira perspectiva leva em conta a insistente constatação cética do estado conflitivo das filosofias que o conduz, conseqüentemente, a suspensão do juízo. Ora, se for possível evidenciar que inexistente esse conflito, em pelo menos um tema da investigação filosófica, o cético teria que aderir ao dogmatismo, pois o cético se caracterizaria como possuidor de crença e, isso, vai contra a definição cética de não possuir crenças. Enfim, uma verdade decretaria o banimento da filosofia cética. Esse modelo de argumentação que mostraria o absurdo do ceticismo é visto, por exemplo, na filosofia cartesiana. Descartes nas *Meditações* estabelece, demonstrativamente, a primeira verdade do cogito¹⁴ que estaria imune aos argumentos céticos.

Ainda, na primeira perspectiva, destacam-se as objeções que acusam a existência de crenças embutidas no próprio discurso cético. Por exemplo, ao afirmar que não possui crenças teria, então, que aceitar ao menos essa crença, a saber, de que não tem nenhuma crença. Portanto, estaria dogmatizando ou não estaria afirmando nada, porque sua crença se autoaniquilaria. Neste contexto, destaca-se a crítica ao uso dos *modos* de argumentação como regras de verdade utilizadas para conduzir a suspensão do juízo, ou seja, a prosperidade da filosofia cética estaria atrelada a crença na eficácia dos *modos* de suspensão, portanto, novamente estaria dogmatizando.

Uma leitura da apresentação do filósofo, desta unidade didática, já, me parece, suficiente para suspeitar qual seria a resposta do cético pirrônico a tais críticas. Vejamos: com relação à idéia de se tentar destruir o ceticismo pirrônico demonstrando uma verdade indubitável, parece ser favorável ao ceticismo pirrônico toda a história da filosofia que ainda é, inegavelmente, palco de um estado conflitivo e, portanto, justificaria a epokhé. Com relação à contradição existente no ato de afirmar não possuir crenças, o cético sustentará que não está defendendo uma tese,

¹⁴ Na próxima unidade debateremos a conquista do cogito cartesiano e a possibilidade de superação do ceticismo.

mas aceitando o irrecusável mundo dos fenômenos, ou seja, o cético está como um cronista (SEXTO, 1997, p.115), relatando o que lhe aparece no momento. Na crítica ao uso dos *modos* dirá o cético que apenas está utilizando as teses dogmáticas, opondo uma à outra e evidenciando a necessidade de suspensão do juízo. “Propriamente falando, não há argumentos céticos, mas somente argumentos dogmáticos que sustentam teses dogmáticas contrárias entre si” (SMITH, 2006, p. 172).

A segunda perspectiva é constituída na ideia de que se aceitarmos a epokhé cética somos levados a inação, ou seja, impedidos de qualquer ação. A esse respeito é conhecida a crítica do filósofo Hume:

“O cético é outro inimigo da religião que provoca naturalmente a indignação de todos os teólogos e filósofos mais graves; embora seja certo que ninguém jamais se deparou com uma criatura ou conversou com um homem tão absurdo que não tivesse opiniões nem princípios sobre qualquer assunto, quer dissesse respeito à ação, quer à especulação”. (HUME, 1973, p. 191)

Hume alinha-se aos críticos que compreendem a ação como dependente de crenças, ou seja, nossas ações básicas ou complexas pressupõem algum tipo de crença. Dessa forma, se o cético diz não possuir crenças seria impedido de qualquer ação. Em outra passagem da *investigação* Hume (1973, p. 196) retrata enfaticamente quais seriam de fato as conseqüências da aceitação da epokhé cética: “os homens mergulhariam numa letargia total até que as necessidades insatisfeitas da natureza pusessem fim à sua miserável existência”. Enfim, o ataque ao ceticismo pirrônico concentra-se, portanto, na sua inviabilidade prática.

Acerca da inviabilidade da filosofia cética existe uma crítica que entende encontrar no discurso pirrônico um pressuposto do sentido, ou seja, um dogmatismo implícito. A trajetória cética de perturbação, investigação e suspensão do juízo comporia uma posição filosófica – uma teoria. Portanto, não existiriam condições de possibilidades da filosofia cética se desenvolver, pois a mesma integraria o estado conflitivo das filosofias¹⁵.

A resposta pirrônica à inação é simples: o cético possui um critério de ação – o fenômeno. O cético se guia pelos fenômenos sem fazer julgamento. A ação não é interdita, pois o cético toma constantemente decisões. O cético não falará sobre a

¹⁵ Para uma melhor compreensão desta crítica recomenda-se a leitura do artigo *a epokhé cética e seus pressupostos* de Roberto Bolzani Filho.

natureza dos fenômenos, mas sobre o que lhe aparece, portanto não tem qualquer problema em agir como um homem comum. Já com relação a crítica de que o discurso cético carrega certos pressupostos dogmáticos é possível concluir que “mesmo ao discorrer sobre o ceticismo, o cético não está afirmando positivamente que as coisas são como ele as diz, mas apenas anunciando, à maneira de um cronista, o que lhe aparece no momento” (PORCHAT, 2006, p.95).

Do que vimos nesse tópico é possível criticar e até não aceitar a filosofia cética em sua total força dubitativa, todavia, no mínimo, o ceticismo deve ser encarado como uma autocrítica da razão.

IV – Atividades de aprendizagem sobre o pensamento cartesiano:

A – Referente ao item I: Apresentação do filósofo.

Responda as questões:

1ª – Qual o aspecto principal da filosofia pirrônica?

2ª – Por que a tradução das *Hipotiposes Pirrônicas* instaurou uma “crise cética” entre os reformistas e contra reformistas religiosos?

B – Referente ao item I.I.: O cético pirrônico.

Responda as questões:

1ª – Por que o cético decidiu adentrar ao campo da investigação filosófica?

2ª – Por que no campo da filosofia o cético decidiu suspender o seu juízo?

3ª – Como é possível para o pirrônico agir e, ao mesmo tempo, não dogmatizar?

4ª – Inspirado na filosofia cética, produza uma redação com o tema: “duvidar é preciso”.

C – Referente ao texto 1: Do conflito de opiniões.

Atividades:

1ª – Aponte uma razão para a conclusão cética de que existe um insuperável conflito de opiniões:

2ª - Após ler atentamente o texto 1 e os comentários, elabore um texto que tenha a ideia de que “em assuntos cotidianos e em filosóficos é razoável a suspensão do juízo”.

D – Referente ao texto 2: Da recorrência ao infinito.

Responda as questões:

1ª – Por que para o cético é injustificável a crença em um critério de verdade?

2ª – Você possui um critério para aceitar ou recusar algo no dia-a-dia? Ele resiste ao argumento cético da recorrência ao infinito? Justifique:

E – Referente ao texto 3: Da relatividade.

Responda as questões:

1ª – Por que para o cético a afirmação “tudo é relativo” é carente de sentido?

2ª – Argumente a favor da afirmação: “nada é apreendido fora de determinadas circunstâncias”.

3ª – Argumente contra a afirmação¹⁶: “nada é apreendido fora de determinadas circunstâncias”.

F – Referente ao texto 4: Da hipótese.

Responda as questões:

1ª - O que é uma hipótese?

2ª – Você conhece teorias que utilizem o recurso da hipótese? Quais?

3ª – Qual é o cerne da crítica cética ao uso de hipóteses?

G – Referente ao texto 5: Do círculo vicioso

Responda as questões:

1ª – O que seria uma “argumentação dissimulada”? Exemplifique:

2ª – Após passar em revista todos os modos céticos, você se percebe mais próximo dos céticos ou dos dogmáticos? Justifique:

H – Referente ao item III: problemas céticos no interior dos textos.

Responda as questões:

1ª – Resumidamente, apresente o conjunto de críticas dirigidas à filosofia cética pirrônica.

2ª – Qual a defesa cética a respeito da inviabilidade prática da filosofia cética?

3ª – Visto as críticas ao ceticismo, é possível viver como cético? Justifique:

¹⁶ É interessante à reflexão filosófica viabilizar um intervalo de tempo (dias) entre a apresentação desta questão e da anterior.

4ª – Supondo que você é um cético, quais as vantagens de adotar uma conduta de vida amparada pelo ceticismo?

5ª – Supondo que você é um dogmático, quais as desvantagens em adotar uma conduta de vida alicerçada em princípios céticos?

V – Referências Bibliográficas:

BOLZANI, Roberto Filho. **A Epokhé cética e seus pressupostos**. Sképsis – Revista de Filosofia, ano II, nº 03/04, 2008.

HUME, David. **Investigação acerca do Entendimento Humano**. Pensadores, São Paulo: Nova cultural, 1973.

Popkin, Richard H. **História do Ceticismo De Erasmo a Spinoza**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.

PORCHAT, Oswaldo. **Rumo ao ceticismo**. Editora UNESP, 2007.

ROGUE, Évelyne. **Comentário de Texto Filosófico**; prefácio à edição brasileira Eduardo Barra; tradução Bruna Abrahão... (et al.); (desenhos Caroline de Souza). - Curitiba, PR: Editora UFPR, 2014.

SEXTO EMPÍRICO. **Esbozos pirrônicos**. Trad. Antonio Gallego Cao y Teresa Muñoz Diego, Madrid, Gredos, 1993.

SEXTO EMPÍRICO. **Hipotiposes Pirrônicas**, livro I. Trad. Danilo Marcondes. O que nos faz pensar nº 12. Rio de Janeiro: setembro 1997.

SMITH, Plínio Junqueira. **O que é ceticismo**. São Paulo: Brasiliense, 1992

SMITH, Plínio Junqueira. **O ceticismo de Hume**. São Paulo: Loyola, 1995.

Smith, Plínio Junqueira. **Ceticismo Dogmático e Dogmatismo sem Dogmas**. Integração, 43, pp. 85-97, 2006.

UNIDADE II – DESCARTES

Encaminhamento: 1º Passo: Disponibilizar o texto abaixo “Apresentação do filósofo” para os alunos; Realizar uma leitura estrutural; Debater e contextualizar historicamente o filósofo. 2º Passo: Responder individualmente as questões 1 e 2 do item I, letra A - unidade IV – atividades de aprendizagem relativas a Descartes. Duração: 4 horas – incluem-se atividades de aprendizagem.

I – Apresentação do filósofo.

René Descartes, filósofo Francês do século XVII, é considerado, por muitos, o fundador da filosofia moderna, isso, sobretudo, devido à inovação investigativa com ênfase na subjetividade e ao estabelecimento de uma metodologia científica.

O ambiente cultural renascentista marca profundamente a formação filosófica de Descartes, na medida em que torna constantemente manifesta a dificuldade de se fundar um conhecimento certo e seguro na filosofia e nas ciências. A esse respeito, afirma Descartes, primeiramente, sobre o estado atual da filosofia e, após, sobre o das ciências: “não se encontra ainda uma só coisa sobre a qual não se dispute” (DESCARTES, 1973, p. 40) e “depois, quanto às outras ciências, na medida em que tomam seus princípios da Filosofia, julgava que nada de sólido se podia construir sobre fundamentos tão pouco firmes” (DESCARTES, 1973, p. 40) Neste contexto, para superar as incertezas no âmbito filosófico e estabelecer um fundamento para as ciências, Descartes elabora um projeto filosófico que visa instituir as bases incontestes do conhecimento. Enfim, Descartes procura, primeiramente, validar nosso conhecimento para, posteriormente, aplicá-lo no desenvolvimento das ciências.

O projeto filosófico cartesiano procura, sobretudo, enfrentar a problemática acerca da veracidade de nossas ideias, ou seja, desenvolve uma argumentação que visa garantir indubitavelmente a correspondência de nossas representações internas com a realidade externa. Enfim, era preciso demonstrar que o que pensamos sobre o mundo corresponde com o mundo e que, portanto, nossas ideias possuem uma validade objetiva. A validade objetiva de nossas ideias estabelece, por sua vez, um acordo no âmbito filosófico que proporciona, conseqüentemente, o fundamento necessário para as ciências.

A elaboração cartesiana de um fundamento para as ciências está apresentada, naquela que é considerada sua principal obra filosófica, a saber, *Meditações à Primeira Filosofia*. Nesse clássico da história da filosofia, dividido em seis meditações, Descartes desenvolve, resumidamente, a seguinte estratégia

argumentativa: radicaliza o processo de duvidar para mostrar que não é possível duvidar de tudo, ou seja, que existe uma primeira verdade – o cogito; Utiliza-se da primeira verdade para demonstrar a existência de Deus; Apoiado na idéia de Deus: institui o conceito de clareza e distinção como um método para o conhecimento, garante a validade das ideias matemáticas e estabelece a certeza da realidade externa.

Na seqüência, para melhor entendermos o projeto cartesiano, comentaremos seis trechos selecionados das *Meditações*.

II – Textos filosóficos e comentários:

Encaminhamento: **1º Passo:** Disponibilizar os seis textos de Descartes que seguem abaixo. Realizar uma leitura estrutural de cada texto; Debater coletivamente a força dos argumentos. **2º Passo:** Disponibilizar os comentários acerca de cada texto; Debater coletivamente a interpretação de cada argumento. **3º Passo:** Responder individualmente às questões das letras B, C, D, E, F e G na unidade IV – atividades de aprendizagem relativas a Descartes. É possível, também, optar por analisar um texto por vez e ir respondendo as questões pertinentes. Duração 18 horas – incluem-se atividades de aprendizagem.

Texto 1: Projeto e maturidade filosófica.

Dicas de interpretação:

- De início, deve-se identificar a questão colocada pelo texto.
- Em seguida, deve se estudar a maneira pela qual o autor tenta discutir e resolver essa questão.
- É preciso abster-se de fazer juízo de valor sobre o texto. (Rogue, 2014, p. 34)

Há já algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados não podia ser senão mui duvidoso e incerto; de modo que era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente desde os fundamentos, se quisesse estabelecer algo de firme e constante nas ciências. Mas, parecendo-me ser muito grande essa empresa, aguardei atingir uma idade que fosse tão madura que não pudesse esperar outra após ela, na qual eu estivesse mais apto para executá-la; o que me fez diferi-la por tão longo tempo que doravante acreditaria cometer uma falta se empregasse ainda em deliberar o tempo que me resta para agir. (DESCARTES, 1973, p.93)

Comentários:

O projeto filosófico cartesiano, de estabelecer um fundamento sólido para as ciências, inicia-se com um movimento estratégico: consiste em adotar uma posição cética radical, a saber, evidenciar que todo conhecimento é duvidoso e incerto. Descartes argumenta que o atual estado da filosofia e das ciências não permitem um conhecimento indubitável e, assim sendo, precisamos nos desvencilhar das opiniões já formadas e investigar os princípios de nossos conhecimentos, na

expectativa de encontrarmos algo que possa ser caracterizado com sendo absolutamente incontestado. A passagem citada destaca, também, que essa decisão de “começar tudo novamente desde os fundamentos” não é imponderada, ou seja, existe uma meditação filosófica que justifica racionalmente o projeto. A construção de uma teoria filosófica não é feita de súbito. Aquele que está disposto a empreender uma investigação filosófica, que respeite a força da razão, precisa estar suficientemente nutrido de uma formação filosófica. Descartes, por seu turno, acreditava possuir uma maturidade filosófica que lhe permitia tentar reconstruir as bases do discurso filosófico. De tudo isso, deve ficar claro para o leitor que a posição cética adotada por Descartes – todo conhecimento é duvidoso e incerto – visa desenvolver uma estratégia argumentativa que vai, ao final, mostrar o absurdo do ceticismo radical. Enfim, da dúvida à verdade.

Possibilidades didáticas:

Entendemos ser possível utilizar este fragmento de texto para abordar outras questões filosóficas e temas cotidianos para além do ceticismo ou cartesianismo. A clareza e o aspecto dinâmico do texto são favoráveis à mobilização. Sugerimos utilizar o fragmento em voga para as seguintes abordagens:

Questões Filosóficas: O problema da verdade e investigação filosófica.
Temas cotidianos: Preconceito e maturidade

Texto 2: A dúvida como método.

Dicas de interpretação:

- interpretar um texto é dar um sentido às passagens obscuras.
- Interpretar um texto é dar-lhe vida.
- É fazer dele um objeto de comunicação pertinente. (Rogue, 2014, p. 52)

Agora, pois, que meu espírito está livre de todos os cuidados, e que consegui um repouso assegurado numa pacífica solidão, aplicar-me-ei seriamente e com liberdade em destruir em geral todas as minhas antigas opiniões. Ora, não será necessário, para alcançar esse desígnio, provar que todas elas são falsas, o que talvez nunca levasse a cabo; mas, uma vez que a razão já me persuade de que não devo menos cuidadosamente impedir-me de dar crédito às coisas que não são inteiramente certas e indubitáveis, do que às que nos parecem manifestamente ser falsas, o menor motivo de dúvida que eu nelas encontrar bastará para me levar a rejeitar todas. E, para isso, não é necessário que examine cada uma em particular, o que seria um trabalho infinito; mas, visto que a ruína dos alicerces carrega necessariamente consigo todo o resto do edifício, dedicar-me-ei inicialmente aos

princípios sobre os quais todas as minhas antigas opiniões estavam apoiadas. (DESCARTES, 1973, p.93)

Comentários:

Nesta passagem aparece claramente a idéia da dúvida como um método de investigação filosófica. Descartes evidencia que ao colocar em xeque os fundamentos do conhecimento já comprometeríamos todas as conclusões. Não precisamos investigar todas as supostas verdades para validá-las ou recusá-las, basta averiguar a eficácia de suas fontes. Podemos deduzir o seguinte: se a fonte geral está comprometida todos os fatos particulares decorrentes serão afetados. Enfim, “a ruína dos alicerces carrega necessariamente consigo todo o resto do edifício”. Ademais, quando Descartes diz que se encontra com o “espírito livre de cuidados” e em uma “pacífica solidão”, encontramos novamente o tema da formação do filósofo. O exercício da filosofia exige uma reflexão pormenorizada e que, portanto, deve estar livre de preconceitos e de problemas que dispersem a investigação. Em outros termos, estudar (filosofar) exige uma dose de ceticismo, empenho, dedicação, reflexão, etc..

Possibilidades didáticas:

Entendemos ser possível utilizar este fragmento de texto para abordar outras questões filosóficas e temas cotidianos para além do ceticismo ou cartesianismo. A clareza e o aspecto dinâmico do texto são favoráveis à mobilização. Sugerimos utilizar o fragmento em voga para as seguintes abordagens:

Questões Filosóficas: Dedução e indução.
Temas cotidianos: Ócio criativo e preconceito.

Texto 3: Argumento dos sentidos.

Dicas leitura:

- Deve-se estudar o texto de maneira analítica.
- Deve-se dar ao texto uma profundidade crítica.
- Deve-se discutir a idéia central do texto.
- É filosoficamente que se explica um texto filosófico. (Rogue, 2014, p. 28)

Tudo o que recebi, até presentemente, como o mais verdadeiro e seguro, aprendi-o dos sentidos ou pelos sentidos: ora, experimentei algumas vezes que esses sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez. (DESCARTES, 1973, p. 93-94)

Comentários:

Este é um dos argumentos clássicos da filosofia cartesiana, conhecido como argumento dos sentidos. Cumprindo o estabelecido no parágrafo anterior, Descartes analisa uma fonte geral de nosso conhecimento – os sentidos - para averiguar se possui um fundamento sólido. O argumento parte da idéia de que grande parte de nossos conhecimentos estão vinculados a experiência sensível que é, por sua vez, compreendida pelos órgãos dos sentidos que capta essas informações e a retém em nossa mente. Todavia, diz Descartes, “experimentei algumas vezes que esses sentidos eram enganosos”, portanto, não são confiáveis, pois já nos enganaram algumas vezes e podem, novamente, nos levar ao erro. Por exemplo, quando colocamos uma caneta em um copo transparente, repleto de água, observamos que a mesma encontra-se distorcida, todavia, quando a retiramos percebemos que não está distorcida, ou seja, nossa visão nos levou ao erro e o mesmo defeito, com frequência, é visto nos demais órgãos. Enfim, as verdades vinculadas à experiência sensível são validadas pelos órgãos dos sentidos, mas o que notamos é que nossos sentidos não possuem uma infalibilidade, estão sujeitos a equívocos, ou seja, é comum a ilusão dos sentidos. Conclui-se: o conhecimento advindo da experiência sensível é duvidoso e incerto, pois a fonte geral não permite validar as particularidades.

Possibilidades didáticas:

Entendemos ser possível utilizar este fragmento de texto para abordar outras questões filosóficas e temas cotidianos para além do ceticismo ou cartesianismo. A clareza e o aspecto dinâmico do texto são favoráveis à mobilização. Sugerimos utilizar o fragmento em voga para as seguintes abordagens:

Questões Filosóficas: Percepções da mente e a relação sujeito e objeto.
Temas cotidianos: Erro e prudência.

Texto 4: Argumento do sonho.

Dicas de leitura:

- Leia o texto uma primeira vez de maneira despreocupada.
- Leia o texto uma segunda vez pensando no tema filosófico.
- Leia o texto uma terceira vez pensando na tese desenvolvida.
- Leia o texto uma quarta vez pensando no problema levantado pelo autor. (Rogue, 2014, p. 24)

Todavia, devo aqui considerar que sou homem e, por conseguinte, que tenho o costume de dormir e de representar, em meus sonhos, as mesmas coisas, ou

algumas vezes menos verossímeis, que esses insensatos em vigília. Quantas vezes ocorreu-me sonhar, durante a noite, que estava neste lugar, que estava vestido, que estava junto ao fogo, embora estivesse inteiramente nu dentro de meu leito? Parece-me agora que não é com os olhos adormecidos que contemplo este papel; que esta cabeça que eu mexo não está dormente; que é com desígnio e propósito deliberado que estendo essa mão e que a sinto: o que ocorre no sono não parece ser tão claro nem tão distinto quanto tudo isso. Mas, pensando cuidadosamente nisso, lembro-me de ter sido muitas vezes enganado, quando dormia, por semelhantes ilusões. E, detendo-me neste pensamento, vejo tão manifestamente que não há quaisquer indícios concludentes, nem marcas assaz certas por onde se possa distinguir nitidamente a vigília do sono, que me sinto inteiramente pasmado: e meu pasmo é tal que é quase capaz de me persuadir de que estou dormindo. (DESCARTES, 1973, p. 94)

Comentários:

No processo da dúvida como método para obtenção da verdade, Descartes apresenta o argumento do sonho. O propósito de tal argumento é elevar o grau da dúvida, demonstrando que nossas incertezas podem ir além do já evidenciado pelo argumento dos sentidos. Temos, com esse argumento, a possibilidade de colocar em dúvida toda e qualquer realidade conhecida, inclusive a existência do mundo tal como representamos em nossa mente. O argumento, de forma geral, diz o seguinte: não temos condições claras e distintas de saber se estamos acordados ou sonhando, pois quando sonhamos não sabemos que estamos sonhando. Enfim, pode ser falso qualquer julgamento acerca da realidade vivida, pois podemos, em última análise, estar sonhando. Portanto, no argumento dos sentidos colocava-se em dúvida a experiência comum, mas no argumento dos sonhos coloca-se em dúvida toda a realidade.

É importante destacar nesse argumento que, o autor das *Meditações*, ao afirmar “o que ocorre no sono não parece ser tão claro nem tão distinto quanto tudo isso” já deixa latente o conceito de clareza e distinção como sendo uma razão suficiente para algo ser considerado verdadeiro, ou seja, Descartes anuncia seu critério de verdade. Veremos adiante que o uso deste conceito propiciará, segundo Descartes, a superação do ceticismo, mas, não obstante, será fonte de sérias críticas.

Possibilidades didáticas:

Entendemos ser possível utilizar este fragmento de texto para abordar outras questões filosóficas e temas cotidianos para além do ceticismo ou cartesianismo. A clareza e o aspecto dinâmico do texto são favoráveis à mobilização. Sugerimos utilizar o fragmento em voga para as seguintes abordagens:

Questões Filosóficas: Representação e dualismo.
Temas cotidianos: inconsciente e consciente.

Texto 5: Argumento do Deus enganador.

Lembrete:

- A compreensão de um texto filosófico é indissociável da exigência de pensar por si mesmo.
- A filosofia é uma retomada de problemas, uma renovação em relação à tradição da sua forma e do seu tratamento.
- É preciso encontrar no texto antes um problema do que uma "tese". (Rogue, 2014, p. 66)

Suporei, pois, que não há um verdadeiro Deus, que é a soberana fonte da verdade, mas certo gênio maligno, não menos ardiloso e enganador do que poderoso, que empregou toda sua indústria em enganar-me. Pensarei que o céu, o ar, a terra, as cores, as figuras, os sons e todas as coisas exteriores que vemos são apenas ilusões e enganos de que ele se serve para surpreender minha credulidade. Considerar-me-ei a mim mesmo absolutamente desprovido de mãos, de olhos, de carne, de sangue, desprovido de quaisquer sentidos, mas dotado da falsa crença de ter todas essas coisas. Permanecerei obstinadamente apegado a esse pensamento; e se, por esse meio, não está em meu poder chegar ao conhecimento de qualquer verdade, ao menos está em meu alcance suspender meu juízo. Eis por que cuidarei zelosamente de não receber em minha crença nenhuma falsidade, e prepararei tão bem meu espírito a todos os ardis desse grande enganador que, por poderoso e ardiloso que seja, nunca poderá impor-me algo. (DESCARTES, 1973, p. 96-97)

Comentários:

O argumento – hipótese - do Deus enganador ou gênio maligno é o terceiro e último passo no processo da crise cética levantada por Descartes. A dúvida se transforma, segundo a tradição filosófica, de fato, universal, na medita em que atinge patamares incisivos. Com esse argumento é colocado em dúvida qualquer informação e, também, qualquer critério para obter a informação. Enfim, a possibilidade de qualquer tipo de conhecimento é colocada em suspeita, pois não teríamos garantias de um critério certo e seguro para obter a verdade.

O argumento, resumidamente, possui a seguinte estratégia: A idéia de Deus carrega consigo o atributo de onipotência – autoridade absoluta – capaz de tudo. Descartes supõem, então, que esse Deus pode estar disposto, por uma razão desconhecida, em enganar-me a todo o momento. Ora, se isso ocorresse, jamais

seríamos capazes de saber se estamos certos ou errados acerca de quaisquer raciocínios, pois, na medida em que Deus pode tudo, pode enganar-me e jamais suspeitaria que estivesse sendo enganado. Neste momento, inclusive as verdades matemáticas são colocadas em dúvida, pois quando adiciono, por exemplo, 2+2 posso ter qualquer resultado diferente de 4, afinal Deus pode estar me enganando, a ponto de considerar evidentes coisas que não o são.

Os argumentos precedentes colocavam em dúvida a validade de nossas representações em decorrência de uma dificuldade de sintonia entre o sujeito e objeto, mas o argumento do Deus enganador estabelece, inclusive, que as nossas faculdades racionais são questionáveis, ou seja, podemos errar e jamais saber que erramos, ou melhor, o sujeito nunca terá certeza do objeto investigado. Somos obrigados a concluir: tudo no mundo é duvidoso e incerto, ou seja, inexistente a possibilidade, até aqui, de qualquer conhecimento seguro.

Possibilidades didáticas:

Entendemos ser possível utilizar este fragmento de texto para abordar outras questões filosóficas e temas cotidianos para além do ceticismo ou cartesianismo. A clareza e o aspecto dinâmico do texto são favoráveis à mobilização. Sugerimos utilizar o fragmento em voga para as seguintes abordagens:

Questões Filosóficas: Existência de Deus e Hipóteses.

Temas cotidianos: Ateísmo e teísmo.

Texto 6: Argumento do cogito.

Dicas de leitura:

- É preciso se ater a observar o que diz o texto, mas também o que ele rejeita.
- É preciso colocar em destaque o texto recorrendo a sinônimos.
- É preciso definir todas as palavras desconhecidas, problemáticas ou técnicas. (Rogue, 2014, p. 136)

Suponho, portanto, que todas as coisas que vejo são falsas; persuado-me de que jamais existiu de tudo quanto minha memória referta de mentiras me representa; penso não possuir nenhum sentido; creio que o corpo, a figura, a extensão, o movimento e o lugar são apenas ficções de meu espírito. O que poderá, pois, ser considerado verdadeiro? Talvez nenhuma outra coisa a não ser que nada há no mundo de certo.

Mas que sei eu, se não há nenhuma outra coisa diferente das que acabo de julgar incertas, da qual não se possa ter a menor dúvida? Não haverá algum Deus, ou alguma outra potência, que me ponha no espírito tais pensamentos? Isso não é necessário; pois talvez seja eu capaz de produzi-los por mim mesmo. Eu então, pelo

menos, não serei alguma coisa? Mas já neguei que tivesse qualquer sentido ou qualquer corpo. Hesito no entanto, pois que se segue daí? Serei de tal modo dependente do corpo e dos sentidos que não possa existir sem eles? Mas eu me persuadi de que nada existia no mundo, que não havia nenhum céu, nenhuma terra, espíritos alguns, nem corpos alguns: não me persuadi também, portanto, de que eu não existia? Certamente não, eu existia sem dúvida, se é que eu me persuadi, ou, apenas, pensei alguma coisa. Mas há algum, não sei qual, enganador mui poderoso e mui ardiloso que emprega toda sua indústria em enganar-me sempre. Não há, pois, dúvida alguma de que sou, se ele me engana; e, por mais que me engane, não poderá jamais fazer com que eu nada seja, enquanto eu pensar ser alguma coisa. De sorte que, após ter pensado bastante nisto e de ter examinado cuidadosamente todas as coisas, cumpre enfim concluir e ter por constante que está proposição, *eu sou, eu existo*, é necessariamente verdadeira todas as vezes que a enuncio ou que a concebo em meu espírito. (DESCARTES, 1973, p. 99-100)

Comentários:

Neste parágrafo temos uma guinada no discurso da filosofia cartesiana. O ceticismo total dá origem a uma primeira verdade incontestável. Nos cinco excertos anteriores apreciamos uma argumentação radicalmente cética. Todo conhecimento possível foi, aparentemente, colocado em dúvida. Todavia, neste trecho, Descartes aponta uma saída para a dúvida cética, demonstrando que a posição cética, levada ao extremo, é absurda, pois nem tudo é passível de ser colocado em dúvida. O argumento, grosso modo, é o seguinte: a investigação obstinada e rigorosa levou a conclusão de que tudo é motivo para se duvidar. Ora, duvidar nada mais é do que uma forma de pensar, ou seja, quando estou duvidando, também, estou pensando. Portanto, sei que penso, na medida em que duvido e não posso duvidar que penso, pois já estaria pensando. Dessa forma, conclui-se: “eu penso, logo existo” (DESCARTES, 1973, p. 54). Até mesmo a suposição do Deus enganador, segundo Descartes, não poderia suprimir essa verdade, pois toda vez que penso, mesmo que equivocadamente, tenho que concluir que existo como ser pensante. Enfim, o que Descartes mostra é que é insustentável um ceticismo radical, pois o ato de duvidar leva a conclusão inquestionável da existência de um ser que pensa. Destaca-se, ainda, que o argumento do cogito evidencia a dualidade corpo e alma na filosofia de Descartes, ou seja, o cogito transmite a ideia de que podemos existir somente enquanto seres pensantes.

O argumento do cogito é, no plano das *Meditações*, apenas uma das primeiras verdades conquistadas que, por sua vez, restabelece a possibilidade do

conhecimento através de um critério de verdade, a saber, clareza e distinção. Algo para ser verdadeiro precisa necessariamente ser claro e distinto, tal como o cogito. Dessa forma, até aqui, ficou evidenciado que somos apenas seres pensantes, ou seja, o conteúdo do pensamento ainda não foi validado. Sabemos que pensamos, mas não sabemos se pensamos corretamente. O ceticismo com relação ao mundo exterior precisa ser solapado para garantir a objetividade de nossas ideias e, de fato, será essa uma das ocupações das meditações cartesianas que seguem. Aqueles que, afetados pela curiosidade filosófica, decidirem ir adiante nas *Meditações*, terão a satisfação de encontrar uma escrita rigorosa e agradável; Terão a oportunidade de apreciar os argumentos cartesianos que pretendem estabelecer um fundamento para as ciências. Quanto a nós, à luz da tradição cética, pretendemos retomar certos problemas que estes parágrafos possuem com relação à validade da obtenção da primeira verdade e da viabilidade de ir além da verdade do cogito.

Possibilidades didáticas:

Entendemos ser possível utilizar este fragmento de texto para abordar outras questões filosóficas e temas cotidianos para além do ceticismo ou cartesianismo. A clareza e o aspecto dinâmico do texto são favoráveis à mobilização. Sugerimos utilizar o fragmento em voga para as seguintes abordagens:

Questões Filosóficas: Dualismo e método.
Temas cotidianos: Argumentação e crença

III – Problemas céticos no interior dos textos:

Encaminhamento: **1º Passo:** Disponibilizar o texto abaixo “Problemas céticos no interior dos textos”; Realizar uma leitura estrutural; Debater coletivamente o conteúdo do texto; **2º Passo:** Responder em dupla às questões de 1 a 3 do item III – letra H - na unidade IV, atividades de aprendizagem relativas a Descartes. Duração: 10 horas – incluem-se atividades de aprendizagem.

É certo que Descartes ao erigir seu método para estabelecer os fundamentos da ciência tinha em vista a necessidade de superar o ceticismo. A filosofia cética interditava a pretensão de construir um fundamento sólido para as ciências, na medida em que seus argumentos restringiam à ação ao campo fenomênico – das aparências – e deixavam como “critério de verdade”, tão somente, a probabilidade. De acordo com Popkin (2000, p. 272-273) Descartes conhecia a literatura cética e acreditava ser o seu sistema o único capaz de superar as incertezas céticas. Nesse contexto, de tentar superar o ceticismo e estabelecer uma verdade, para além dos

fenômenos e da probabilidade, Descartes proclamava ter encontrado uma verdade “tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos cétricos não seriam capazes de abalar” (1973, p. 54), a saber, o cogito. Para Descartes a descoberta do cogito aniquilava o pensamento cético ao mostrar que não é possível duvidar de tudo, ou seja, existe pelo menos uma verdade. O cético deveria se render a essa verdade e deixar de ser cético, pelo menos de ser um cético que suspende o juízo com relação a todas as coisas.

Não obstante, os pensadores cétricos¹⁷ não concordaram com Descartes. Advertiam, na alegada conquista cartesiana, certos problemas, principalmente, com o que se seguia dessa conquista. Ademais, certos pensadores¹⁸ atribuíram ao pensamento cartesiano à portabilidade de um ceticismo destrutivo, condicionando a existência humana à subjetividade. A propósito, diz Popkin, (2000, p. 301) “assim que se apresentou sua conquista do dragão cético, Descartes logo se viu denunciado tanto como um perigoso pirrônico quanto como um dogmático malsucedido cujas teorias eram apenas fantasias e ilusões”. Podemos, portanto, dizer que as críticas possuem dois focos. O primeiro é de que a filosofia cartesiana não conquistou qualquer tipo de verdade e, o segundo, e que se aceitamos a verdade do cogito estamos sujeitos a permanecer restritos nesse âmbito, sem possibilidades de acessar a realidade objetiva.

A primeira crítica, insustentabilidade do cogito, se configura da seguinte forma: Descartes sinaliza, como já dissemos nos comentários acerca do argumento do sonho, que a clareza e distinção são o critério para algo ser verdadeiramente aceito - uma regra de verdade. Assim sendo, o filósofo entende que o cogito é evidente em face de sua adequação a regra de verdade. Interpretamos aqui que a regra de verdade é anterior a primeira verdade. Todavia, a lógica do texto das meditações pretende mostrar que a regra surge a partir da primeira verdade. Na primeira meditação, temos a radicalização da dúvida, na segunda, temos a conquista do cogito e, na terceira, a definição da clareza e distinção como critério de verdade (DESCARTES, 1973, P. 107-108), bem como a necessidade da existência de um Deus bondoso para validar a regra (IDEM, p. 108-109). Ao que parece, trata-se de uma estratégia retórica para fortalecer a regra e evitar a questão da necessidade de um critério para cada critério. De qualquer forma, seja a regra de

¹⁷ Principalmente: Gassendi e Mersenne.

¹⁸ Principalmente: Padre Bourdier, Gisbert Voetius e Martinus Shooockius.

verdade anterior ou posterior a descoberta do cogito, a introdução do argumento do gênio maligno nos leva a pensar que tanto a conquista da primeira verdade, bem como o estabelecimento do critério tenham sido um ato do próprio gênio, ou seja, Deus poderia estar me enganando acerca do cogito e da regra de verdade e, portanto, estaria errando. Enfim, a questão é que o argumento do gênio maligno ataca os sentidos e as faculdades da própria razão, de maneira que estaríamos sempre em dúvida com relação se existe algo de certo.

A solução cartesiana para esta controvérsia foi mostrar que Deus existe e que ele não é enganador, todavia, entendemos que a argumentação cartesiana proíbe está manobra, na medida em que para provar a existência de Deus e sua bondade precisaríamos da regra de verdade que, por sua vez, já está comprometida pela influência do gênio maligno. Em síntese, precisaríamos da regra para provar a própria regra. Aqui temos: a regra validando a existência de Deus e Deus validando a veracidade da regra, ou seja, uma argumentação circular que em nada avança. Se, todavia, o cogito fosse auto-evidente, uma intuição intelectual, sem o auxílio da regra e sem o auxílio de um Deus bondoso, parece crível supor que existem outros princípios mais evidentes do que o cogito, por exemplo, a existência direta da realidade extensa. Neste contexto, salienta Albieri (2003, p. 247):

Descartes quer nos convencer que o cogito é o único princípio que resiste à dúvida apenas porque, dentre os possíveis princípios percebidos clara e distintamente, é aquele que permite à argumentação avançar em direção à prova da existência de Deus e a restauração das demais certezas.

Cottingham, em seu *Dicionário Descartes*, dedica um tópico sobre a circularidade da argumentação cartesiana e formula o problema da seguinte forma:

se é preciso que se confirme a existência de um Deus veraz para que eu tenha confiança nas percepções claras e distintas de meu intelecto, então, como posso, sem incorrer em circularidade, basear-me nas percepções intelectuais que foram, no princípio, necessárias à construção da prova da existência de Deus? (1995, p. 34)

Ou seja, o cogito é uma escolha arbitrária. Enfim, a crítica insiste que Descartes, ao tentar superar o ceticismo, destruiu todas as bases para o conhecimento, tornando-se radicalmente um cético¹⁹.

¹⁹ Acerca das críticas à conquista do cogito é interessante (porém inconclusa) a abordagem de Landim (1994) que faz uma exegese das Meditações e do Discurso do Método tentando evidenciar que devemos conceber o Cogito como um primeiro princípio da filosofia, sem ser a primeira verdade da ciência, ou seja, o Cogito teria a função de indicar o caminho para a verdade e, portanto, sua dubitabilidade não afetaria a consistência do sistema cartesiano.

A segunda crítica, que do cogito nada se segue, é a seguinte: se aceitamos a inquestionabilidade do cogito, teríamos que aceitar que nesse âmbito deveríamos ficar confinados, pois todo passo adiante estaria comprometido pelo gênio Maligno. Não pode me enganar que penso, pois duvidar já é pensar, todavia, pode me enganar sobre todas as outras coisas extensas. A saída para essa dificuldade é demonstrar que existe um Deus bondoso e que, portanto, não me engana, mas tal estratégia passa novamente pela regra de verdade e, como já salientamos, a validação da regra recai na argumentação circular. No final das contas, podemos dizer que a dificuldade da filosofia cartesiana está no método – no critério para se atingir a verdade. Em última análise, Descartes se depara com um autêntico problema cético, a saber, a dificuldade para se fundar um critério de verdade²⁰. Para constituir a clareza e distinção como critério de verdade, não se pode utilizar da própria regra, sem incorrer na argumentação circular; e mais: se uso uma regra para justificar outra regra, cairia na argumentação infinita; e ainda: se aceito o cogito como hipótese – sem demonstração – teria que aceitar outras hipóteses como satisfatoriamente válidas.

Em tempo, Hume, na *Investigação Acerca Do Entendimento Humano*, têm, também, a compreensão de que a filosofia cartesiana não tem como dar garantias do cogito ou que deste âmbito nada se segue:

Não existe nenhum princípio original dessa sorte que tenha prerrogativa sobre os outros princípios convincentes e evidentes por si mesmos, ou, se os houvesse, não poderíamos avançar um passo além deles a não ser pelo uso dessas mesmas faculdades de que nos aconselham a suspeitar. A dúvida cartesiana, portanto, se pudesse ser alcançada por alguma criatura humana (o que evidentemente não pode) seria de todo incurável; e nenhum raciocínio nos poderia conduzir jamais a um estado de segurança e convicção a respeito de qualquer assunto. (HUME, 1973, p. 191)

Conclui-se que na tentativa de afastar o perigo cético, Descartes radicalizou o processo da dúvida para evidenciar que algo é inquestionável, mas ao fazer isso minou as bases do conhecimento. Enfim, a dúvida como método destruiu todos os métodos. Restou a hipótese da existência de um Deus bondoso para colocar ordem no caos, mas ao que parece existem contradições argumentativas que tornam, por sua vez, Descartes em um cético radical com relação ao conhecimento do mundo exterior.

²⁰ A respeito da problemática cética sobre o critério de verdade, verificar unidade 1 desta produção-didática.

IV – Atividades de aprendizagem sobre o pensamento cartesiano:

A – Referente ao item I: Apresentação do filósofo.

Responda as questões:

1ª – Qual era para Descartes o problema vigente da filosofia e da ciência?

2ª – Por que era fundamental para Descartes enfrentar a dubitabilidade de nossas representações internas e externas?

B – Referente ao texto 1: Projeto e maturidade filosófica.

Atividades:

1ª – Elabore um mapa conceitual sobre o texto I “projeto e maturidade filosófica”.

2ª – Após ler atentamente o texto I e os comentários, elabore um texto que responda a seguinte afirmação: “a construção de uma teoria filosófica não é feita de súbito”.

C – Referente ao texto 2: A dúvida como método.

Atividades:

1ª – Faça uma lista de suas antigas opiniões e outra das que têm dúvidas acerca da sua correta autenticidade.

2ª – Descartes propõem a dúvida como método de obtenção da verdade. Nesse contexto, qual seria para você um bom método para evitar o erro e a precipitação?

D – Referente ao texto 3: Argumento dos sentidos.

Atividades:

1ª – Pense e descreva 03 situações em que os sentidos podem nos levar ao erro.

2ª – Após ler atentamente o argumento dos sentidos e os comentários, elabore uma redação com o seguinte tema: “os sentidos nos enganam”.

E – Referente ao texto 4: Argumento do sonho.

Atividades:

1ª – Qual é o ponto central do argumento dos sonhos que nos leva a duvidar de toda realidade extensa?

2ª – Assista ao filme e leia o texto “alegoria da caverna” de Platão; Depois elabore uma redação relacionando o filme e o texto com o argumento do sonho de Descartes.

F – Referente ao texto 5: Argumento do Deus enganador.

Atividades:

- 1ª – Pesquise e descreva o conceito de hipótese.
- 2ª – Qual é o cerne da hipótese do Deus enganador que leva Descartes a colocar em dúvida o funcionamento de nossa racionalidade?

G – Refente ao texto 6: Argumento do Cogito.

Atividades:

- 1ª – Elabore um mapa conceitual sobre o argumento do cogito.
- 2ª – Por que não posso, segundo Descartes, duvidar que penso?
- 3ª – Explique a afirmação “o argumento do cogito representa uma guinada no discurso das meditações cartesianas”.

H – Referente ao item III: Problemas céticos no interior dos textos.

Responda as questões:

- 1ª – Quais foram as principais críticas céticas a filosofia cartesiana?
- 2ª – Por que a introdução do argumento do gênio Maligno representa, segundo a crítica cética, uma barreira ao estabelecimento de um fundamento para as ciências?
- 3ª – Por que é fundamental para Descartes provar a existência de Deus e, também, demonstrar que não é enganador?

V- Referências Bibliográficas:

ALBIERI, Sara. **Hume e Peirce Acerca do Ceticismo Cartesiano**. Kriterion, Belo Horizonte, vol.44, nº108, p. 244-252, Jul/Dez - 2003.

COTTINGHAM, John. **Dicionário Descartes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

DESCARTES. **Meditações**. Pensadores, São Paulo: Abril Cultura, 1973.

HUME, David. **Investigação acerca do Entendimento Humano**. Pensadores, São Paulo: Nova cultural, 1973.

LANDIM FILHO, Raul. **Pode o Cogito Ser Posto em Questão?** Discurso, São Paulo, nº 24, p. 9-30, 1994.

MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 5. ed. revista. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007.

Popkin, Richard H. **História do Ceticismo De Erasmo a Spinoza**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.

REALE, Giovanni. Antiseri, Dario. **História da Filosofia, vol.II.** 7ª edição - São Paulo: Paulus, 2005.

ROGUE, Évelyne. **Comentário de Texto Filosófico**; prefácio à edição brasileira Eduardo Barra; tradução Bruna Abrahão... (et al.); (desenhos Caroline de Souza). - Curitiba, PR: Editora UFPR, 2014.

SMITH, Plínio Junqueira. **Dez provas da existência de Deus.** 2ª Ed. São Paulo: Alameda, 2012.

ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

Aqueles que pretendem utilizar este caderno pedagógico devem, primeiramente, levar em conta as peculiaridades de seus discentes. O desenvolvimento satisfatório desse caderno exige o contato com texto filosófico. Portanto, a efetivação da prática docente deve pressupor que filosofia se faz no texto filosófico. Em todo caso, aqueles que estão habituados a lecionar à moda dos manuais, podem, me parece, utilizar dos fragmentos de textos e seus comentários como uma propedêutica a iniciação da leitura a textos filosóficos.

Essa forma de pensar o ensino de filosofia – apoiada no texto clássico - pretende evitar escolhas ideológicas e uma forma simplista – generalista – de se ensinar filosofia. O professor não é o responsável por dizer o que é certo ou errado. Quem diz algo é o texto filosófico. Com isso, deveríamos adotar, nas palavras de Victor Goldschmidt “a atitude de discípulo”, ou seja, “abordar uma doutrina conforme a intenção de seu autor”. Todavia, para aderir à leitura estrutural de Goldschmidt - no nível médio - teríamos uma série de empecilhos culturais e cognitivos. Neste contexto, nossa produção didática pautou-se em procurar manter o rigor e centralidade do texto, mas também se tentou privilegiar o leitor através de análises reflexivas que tendem a ir além da intencionalidade original do filósofo. Enfim, procuramos preservar a intenção do autor e fornecer uma possibilidade contemporânea de leitura.

Diante disso, a produção aqui presente pode ser ensinada em um estilo estruturalista, preservando a leitura rigorosa dos textos, ou trilhar os passos propostos e procurar desenvolver uma transposição didática que incorpora análise e reflexão. Tenho convicção de que cada professor, respeitando seu aluno e sua formação acadêmica, saberá julgar a melhor forma de utilizar essa produção. Se, por ventura, as reflexões não forem úteis ao professor, aluno e leitor, mesmo assim,

restará uma valiosíssima seleção de trechos de textos céticos que poderá impulsionar ótimas aulas.

Referências Bibliográficas

GOLDSCHMIDT, Victor. **Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos: A religião de Platão**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963. p.. 139-147.